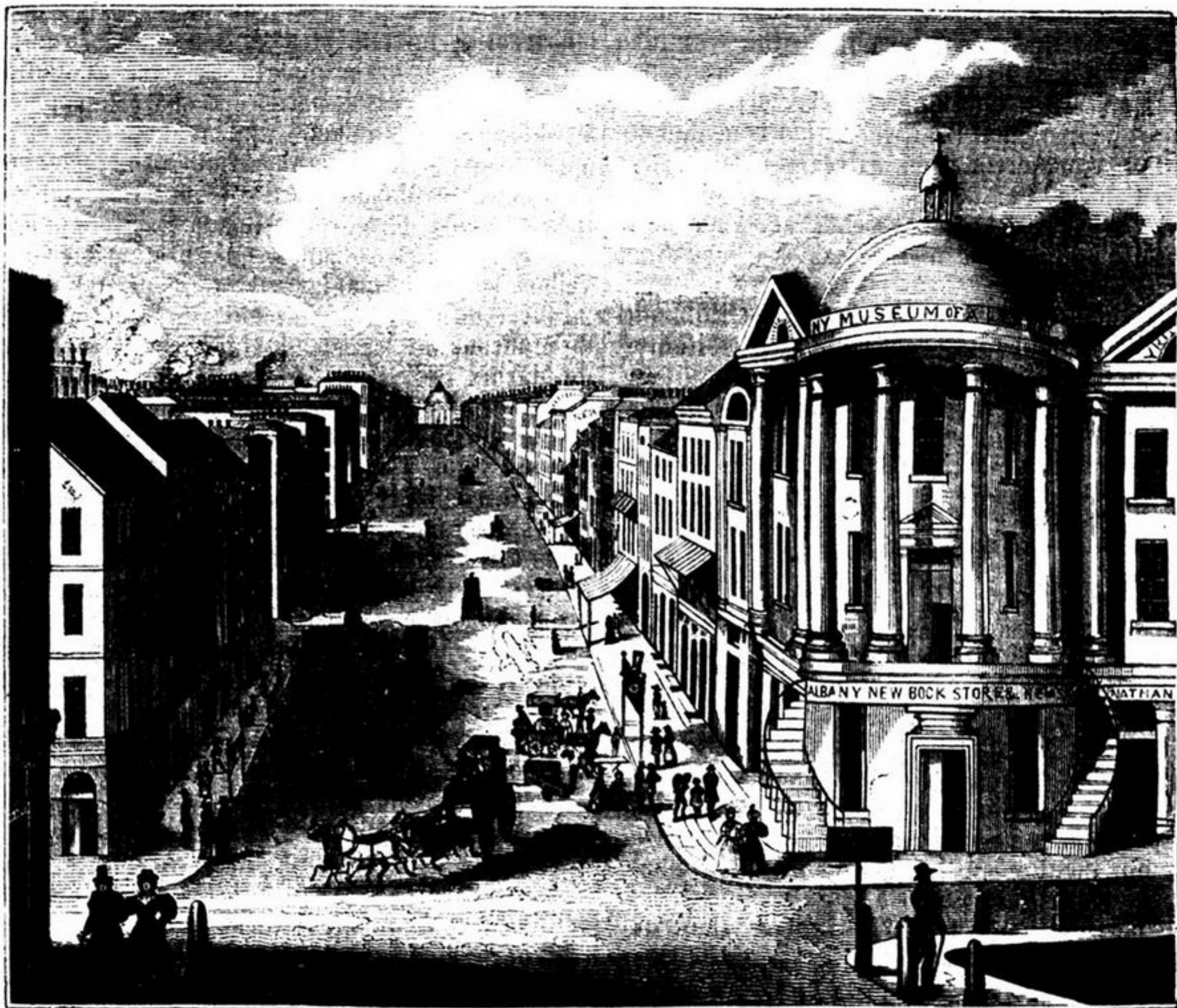


UMA RUA DE ALBANY

Os Estados Unidos acabam de passar por uma longa e dolorosa crise. A republica fundada por Washington, que até aqui era apontada como o modelo dos governos republicanos, e a demonstração evidente da bondade d'essas instituições, servio por alguns annos de argumento aos monarchistas, que, sorrindo-se com desdem, aponta-

vam triumphantes para a guerra tilanica, em que se debatiam os estados da America, e diziam: Vêde o fructo das vossas theorias, vêde-o no proprio paiz, que apresentaveis como exemplo da sua prolificidade.

Não acreditamos que essa deploravel guerra que inundou de sangue os fertes plainos do novo mundo abale por forma alguma as convicções dos democratas; parece-nos que pelo contrario as deve



Uma rua de Albany.

robustecer. A republica americana atravessou um periodo doloroso, como todos os estados podem atravessar, como todos atravessam quando no seu seio se levanta uma questão a que esteja ligada a sua existencia politica. Quando uma monarchia absoluta se transforma em monarchia constitucional, ha lucta inevitavel; ha lucta muito maior quando se tenta a abolição de direitos feudaes, de privilegios seculares de uma classe, como não haveria uma lucta de gigantes quando se tentou abolir a escravatura n'um paiz cheio de força e de vitalidade, a escravatura essa instituição secular, a que estavam ligados tão poderosos interesses? Quem se pôde espantar, por consequente, de que, no momento de se operar essa grande reforma, houvesse lucta? Quem se pode espantar de que

essa lucta fosse terrivel, sabendo quaes são os imensos recursos d'essa tão prospera republica? Quanto mais vigorosos são os combatentes, tanto mais sanguinario é o combate! Mas o que devemos admirar é como, no meio d'esse formidavel cataclysmo, se conservou o respeito da legalidade, não havendo mais do que uma scissão na republica! O que devemos admirar é não ter ido cair o poder nas mãos de algum soldado feliz! O que devemos admirar é a magestosa serenidade com que a republica, finda a lucta, voltou ao seu estado normal, sem que uma só das suas instituições politicas percesse no naufragio!

Desculpem-nos a digressão; era difficil de evitar.

Vamos já ao assumpto a que a gravura nos chama.

A gravura representa uma rua de Albany, cidade das mais antigas da União, e sede do governo do mais poderoso Estado do Norte, o de Nova-York.

A cidade de Albany fica situada na margem direita do Hudson, no meio de um territorio fertil e bem cultivado. O Hudson, que vai desembocar no Oceano junto da populosa e commercial cidade de Nova-York, é accessivel até Albany a barcos de vapor, que põem em communicação a cidade que deu nome ao estado com a cidade que foi escolhida para capital. Um caminho de ferro liga Albany com Boston; duas estradas commerciaes, uma que é a via terrestre, outra maritima, o canal Erié, ligam-n'a com Buffalo, centro do commercio, com as regiões de Oeste e com o Canadá. Por isso Albany é o ponto de passagem obrigado de todos os emigrados europeus, que vão tentar fortuna n'esses vastos ermos ainda inexplorados.

Esta cidade, fundada em 1614 pelos Hollandezes, conta actualmente perto de 50000 habitantes.

Os seus edificios mais notaveissão o Capitolio, ou palacio do governo, feito de marmore branco, um theatro e um museu.

D. JORGE DE MASCARENHAS, GOVERNADOR DE MAZAGÃO

Os nossos chronistas habitualmente, e mesmo os nossos modernos historiadores, deslumbrados pelo esplendor da nossa grande época, pelo brilho das façanhas de Duarte Pacheco, do genio militar de Affonso de Albuquerque, só consideram como digno da sua attenção esse glorioso cyclo que, abrindo-se no fim do seculo XV, no momento em que Vasco da Gama põe o pé na tão almejada praia do Indostão, se fecha no fim do seculo XVI no lugubre instante em que os valentes portuguezes perdem de vista o doirado elmo de D. Sebastião no meio das ondas de mourisma, que, flagelladas pelo vento da sua espada, de todos os lados o procuravam subverter.

Comtudo é necessario pensarmos que a gloria portugueza não se resume toda n'essa época; é necessario não nos deixarmos por tal forma cegar pelos esplendores da boa fortuna que só consideremos como dignos da immortalidade os grandes feitos dos nossos maiores no tempo em que um destino propicio bafejava as quinas portuguezas. Não supponhâmos que o vasto imperio lusitano se desmoronou sem luta, e que os filhos dos Castros e dos Athaydes renegaram logo a herança da gloria que seus pais lhe haviam deixado. Não! Portugal lutou por grande espaço de tempo contra a má fortuna, e a historia da sua queda heroica não é menos digna da nossa attenção do que a historia do seu glorioso desenvolvimento. Levantemos o negro véo, que nas nossas chronicas esconde os sessenta annos do captiveiro hespanhol, como na galeria dos retratos dos doges em Veneza esconde um véo igualmente negro o sitio em que devia estar o retrato de Marino Faliero, decapita-

do por traidor. Ha razão para isso; Portugal tambem fôra decapitado, e decapitado por ter traído, em beneficio de uns frades perversos e fanaticos, a alta missão civilisadora, que a Providencia lhe confiara.

Levantemos pois esse véo, e convençamo-nos de que a lista dos grandes feitos dos portuguezes não finda na segunda defeza de Dio; convençamo-nos até de que talvez fosse necessario mais desesperado heroismo aos soldados de então para caírem com gloria, do que aos seus antepassados para lançarem os fundamentos do seu immenso imperio. Se estes tiveram que lutar com os Indios, que defendiam a sua patria e a sua religião, com os valorosos Musulmanos, que eram n'essa época o terror da Europa, tiveram aquelles que lutar com esses mesmos Musulmanos, e além d'isso com essa raça energica, forte, e obstinada dos Hollandezes, com os valentes soldados, que fizeram recuar os velhos terços hespanhoes, com os companheiros heroicos do conde de Egmont, do conde d'Horn, de Mauricio de Nassau, de Guilherme o Taciturno, de Marnix de Sainte-Aldegonde; e em que circumstancias emprehendiam essa luta! quando estavam sujeitos a um dominio estrangeiro e odiado, quando viam a sua patria enluctada, quando tinham de combater pelos oppressores d'elles, quando os seus mais valentes irmãos de armas lhes eram arrancados para irem ensopar no seu sangue as terras frigidias de Flandres, quando a politica hespanhola parecia tender unicamente a sacrificar, a enfraquecer o reino, que approximava Philippe II do sonho doirado da monarchia universal.

Contaremos um dia algumas das façanhas com que os nossos antepassados se oppunham ao desenvolvimento do poder hollandez; hoje evocaremos apenas das trevas do passado um dos vultos heroicos, que, nas nossas praças africanas, continuavam as tradições dos heroes de Ceuta e Arzilla, e vingavam nos mouros o desastre de Alcacer-Kebir, que fôra origem de tamanhas desventuras.

Em 1616 era governador da praça de Mazagão um valente fidalgo portuguez, D. Jorge de Mascarenhas, que foi depois conde de Castellonovo. Era homem da velha raça dos combatentes da Africa, pelejador intrepido, que só folgava de viver no meio do ardor das batalhas, que tinha o cheiro da polvora pelo mais delicioso perfume, e as correias contra os arabes pelo festim mais deleitoso.

Elle é que podia dizer com a ballada antiga

Minhas galas são as armas
Meu descanso o pelejar

Durante o seu governo pouco descanso tiveram os mouros. Não esperava elle que o viessem atacar; mas tomando a iniciativa, ia á testa dos seus cavalleiros, mal assomava no céu a estrella d'alva, espalhar o terror nos aduares dos filhos do deserto. Sempre de espada em puuho, sempre armado de ponto em branco, parecia aos seus compatriotas o espectro gigante de uma época já extinta, o ultimo dos companheiros de D. João I, o ultimo dos bravos pelejadores de Aljubarrota, e dos intrépidos conquistadores de Ceuta.

No dia 3 de julho, pois, do anno de 1616 quizeram os beduinos tomar vingança da constante inquietação em que D. Jorge os tinha, e proclamando os seus marabutos de novo a guerra santa, invocando as recordações de Alcacer-Kebir que ficou sendo para todo o sempre a grande gloria nacional dos marroquinos (1) vieram em grande numero e em grande grita insultar as muralhas de Mazagão. Não era D. Jorge de Mascarenhas homem que supportasse muito tempo essas provocações, abrigado por traz dos muros da sua cidade. Poz-se á testa de um punhado de portuguezes, e saio a planicie rasa a combater com os mouros. Esperavam-n'o elles bem apercebidos, e, deixando-o avançar levado pelo seu ardor impetuoso, descobriram de subito grandes forças emboscadas, por entre as quaes se viram os portuguezes obrigados a retirar. Mas D. Jorge de Mascarenhas, todo affogueado pelo ardor da peleja e levado pelo seu ardor cavalheiresco, desprezando os soldados que fugiam e voltando-se para os poucos fidalgos que o acompanhavam, bradoulhes:

—Pelejai, cavalleiros, que se perdem os soldados e aquella bandeira de el-rei; voltai-vos e vede como o vosso capitão morre.

E, cravando as esporas no fino murzello, arremessou-se nos moiros, sem ver se alguém o seguia. Ninguém o pôde acompanhar na impetuosa carreira, e só, a pouca distancia d'elle, mas tentando debalde pôr-se-lhe a par, galopava o adail Braz Gonçalves, que lhe dizia! «Senhor para que quereis morrer?»

Não o ouvia D. Jorge, e, com a lança em riste entrava no mais cerrado da brava turba dos arabes, derrubando, ferindo e dispersando os cavalleiros do deserto, que revolteavam em torno d'elle, espantados de tanta audacia. Com uma lançada derribou um moiro, mas, acudindo outro, recebeu o valente cavalleiro uma lançada no peito; já a este tempo se haviam approximado alguns cavalleiros portuguezes; com elles rompeu o governador, continuando a fazer proezas dignas d'esses heróes dos romances de cavallaria, de que Cervantes zombára havia pouco tempo. Quando voltou para junto dos seus cavalleiros trazia cinco lanças no corpo, quatro espetadas nas roupas, por baixo das quaes n'essa época se escondia a armadura, e a outra quebrada na mão. Julgavam os portuguezes que vinha finalmente dar a ordem da retirada; enganavam-se. D. Jorge vinha apenas procurar outra lança porque a sua lhe ficára embebida no corpo de um moiro. Armado de novo, tornou a entrar no mais acceso da peleja. Defendiam-se vigorosamente alguns cavalleiros, entre os quaes o alferes que hasteava a bandeira, contra os arabes que forcejavam por lh'a arrancar. Chegou D. Jorge, como um raio, em auxilio dos seus compatriotas, mas

os inimigos já o temiam tanto, que não ousaram esperal-o. Abrindo um largo circulo em torno d'elle, arremessaram-lhe pedras, uma das quaes, bateu na cabeça do cavallo, e matou o fino corcel. Caio D. Jorge em pé, e assim apárou o embate dos arabes, que o assaltaram com novas pedradas, uma das quaes, dando-lhe no elmo, lh'o deitou ao chão, porque o trazia desalado. Assim combateu de cabeça descoberta, recebendo duas feridas na mão esquerda, até que os portuguezes, caindo em massa sobre os inimigos, livraram o seu capitão, e voltaram com elle para dentro dos muros da cidade, onde todos os receberam com o entusiasmo, que estas façanhas dignas da idade d'ouro da cavallaria deviam facilmente inspirar.

Estas façanhas conta-as Antonio de Sousa Macedo no seu livro intitulado *Flores de España, Excellencias de Portugal*, livro escripto em hespanhol, dedicado a D. Filippe IV, e publicado em 1630. Tudo isto parece indicar que o seu auctor, que tinha n'esse tempo a idade de vinte e dois annos, era adherente ao jugo hespanhol, e que estava resignado á união. Pois apesar d'isso n'esse livro dedicado ao rei de Hespanha, se percebe o odio latente que animava os portuguezes contra os seus dominadores, e o bom do escriptor, ao passo que enumera os grandes feitos de D. Jorge de Mascarenhas, não se esquece de dizer que eram elles tamanhos, e tão assombrosas as forças do inimigo que, estando em Mazagão um soldado hespanhol, e vendo a grande quantidade de arabes, que se apinharam em torno da cidade foi para casa e morreu de medo. (1) Isto é dito sem a mais leve reflexão, e com a mais perfeita innocencia. Mas eu estou vendo o sorriso magano, que se havia de desenhar nos labios dos leitores portuguezes, quando chegavam a este ponto, e as bulhas que haveria, nas ruas de Lisboa por causa do facto mencionado pelo travesso escriptor.

Não nos despedimos ainda d'este nobre vulto de D. Jorge de Mascarenhas, d'este heróe da nossa decadencia. No segundo capitulo veremos que o valente governador de Mazagão não era menos terrível no mar contra os corsarios argelinos, do que na terra contra os cavalleiros bereberes.

(Continua.)

PINHEIRO CHAGAS

VOLTAIRE

Continuação

O theatro francez começa em Pedro Corneille; antes d'elle encontramos apenas o cahos do poema dramatico. Racine fez o elogio d'este grande homem, indicando a sua alta significação litteraria. A apothese do auctor do *Cid* é notavel na bocca do poeta da *Athalie*: «*Quelles obligations ne lui a point notre poésie! Dans quelle état ne se trouvoit*

(1) Conta Léon Plée na sua historia das guerras de Alger, que na batalha d'Isly, ganha pelo marechal Bugeaud contra as tropas do imperador de Marrocos, andavam os marabutos percorrendo as fileiras musulmanas, animando os soldados com as lembranças da batalha d'Alcacer-Kebir. Perto de tres seculos depois ainda as tradições populares conservam a memoria d'aquella terrível batalha.

(1) Otras victorias muy grandes e señaladas tuvo Magazan mientras D. Jorge Mascarenas la gobernó, entre las quales fueron contra tan gran numero de Moros, que hallando-se allí un Castellano de Oliva, y llegando al muro, viendo tantos enemigos, y el desigual partido de los nuestros, que con ellos andavan peleando, se fué para su casa, y murió subitamente, parece que con ansia de desconfiar de la victoria, y tener-se ya por cativo ó muerto.

la scène françoise lorsqu'il commença à travailler! Quel desordre! quel irrégularité! Nul goût, nulle, connoissance des véritables beautés du théâtre.» Corneille apparece, e com elle a arte dramatica entra no verdadeiro caminho da razão, para subir, cercada de pompas, até á elevada altura em que depois a contemplamos. Corneille é a força, o impeto, a vehemencia nas paixões, a magestade, a magnificencia no estylo. Nascido em um seculo eivado pelo mau gosto, lucha contra elle, e consegue quasi leval-o de vencida. A mordacidade e o fel dos émulos que desbaratara, cae-lhe em chuva sobre os louros nascentes, mas os louros reverdecem mais vicosos ainda, e na larga sombra que projectam occultam os Scudérys rai-vosos. A Hespanha é o jardim opulento onde elle colhe as mais bellas flores, para depois fabricar os favos do seu mel delicioso. Guillen de Castro inspira-o. D'este volver de olhos constante para além dos Pyrenéos, d'este amor cego pela hyperbole castelhana, procede, logicamente, o principal defeito de Corneille: a affectação. Entendamo-nos sobre esta palavra.

A affectação, nas admiraveis creações do poeta dos *Horacios*, não consiste na frivolidade elegante, no dizer amaneirado, no porte cortezão e delambi-do, ao contrario; rezide na bravata enfiada, no tom de *mata moiros* com que se expressam os seus heroes.

Por vezes sentimos nas suas tragedias um certo rumor de farruscas, e uma parlenda guttural de asturianos facanhosos. Camillo, imprecando contra Roma, tem versos de um exagero manchego. Eis ao que eu chamo a affectação de Corneille, é nada mais.

D'este ponto em diante o theatro francez progride. Não é o nosso fim acompanhá-lo no seu andamento constante, e estudar-lhe as suas phazes diversas. Citámos o iniciador do poema dramatico em França, por nos parecer impossivel deixar de commemoral-o n'um estudo d'esta indole. A nossa missão é, proseguindo na apreciação litteraria de Voltaire, deitar sobre este vulto a luz que lhe é dividida.

Voltaire fórma, com Racine e Corneille, uma das mais bellas trilogias. Collin-d'Harleville grupou-os em alguns versos memoraveis. No poeta do *Cinna* encontramos a altivez cavalleirosa; no de *Andromaca* a suavidade amavel, no de *Mélope* o calor santo dos nobre affectos, a chamma do entusiasmo. O vivo manancial das scenas patheticas e das commoções profundas rebenta n'elle vigoroso. *Il a passionné le dialogue et les situations*, — diz Emile Deschamps com extrema verdade.

Educado nos bellos modelos antigos, Voltaire soube tirar-lhes o mimo, o beijo dos seus primores. Por isso n'uma das representações do *Oreste*, vendo o publico levantar-se e proromper em bravos, elle, levado pelas generosas effusões da sua alma, levantou-se tambem, gritando: *Applaudi, applaudi atheniensés; isto é o puro Sophocles!*»

De todas as suas tragedias a *Zaira* é a que para nós realça mais brillantemente. Ha n'ella a per-

turbação, o movimento dramatico, natural sempre, caloroso sempre, agitado, eloquente, cortado pelos estremecimentos do terror ou da esperanza; as phrazes saem do coração espontaneas, simples, graciosas, com todo o perfume dos intimos affectos, com todo o fogo das paixões violentas. O segundo acto é inexcédível. Lusignan, velho, captivo, oppresso pela desgraça, vergado pelas recordações mais afflictivas, vendo de um lado cahida a religião porque elle combatera tantos annos, e do outro perdidos os filhos que idolatra, Lusignan respira um não sei que de sobrenatural e de celeste. *Zaira* entra, com o rubor nas faces, e os olhos inundados de lagrimas. Oh! como esta scena rivalisa com quanto o theatro francez possui de mais gabado; como ella nos impressiona com toda a sua simplicidade affectiva. *Zaira* confessa tudo; a momentanea alegria do velho será trocada pelas mais lancinantes angustias:

— «Sous les lois d'Orosmane.

«Punissez votre fille... elle était musulmane!

É então que resôa o famoso brado de Lusignan, aquelle assombroso trecho em que as lagrimas do velho se misturam com os arrebatamentos da indignação, trecho que por si só bastaria para dar a Voltaire um dos primeiros logares entre os poetas de França.

— «Que la foudre en éclats ne tombe que sur moi!
Ah! mon fils! à ces mots j'eusse expiré sans toi!
Mon Dieu, j'ai combattu soixante ans pour ta gloire,
J'ai vu tomber ton temple, et perir ta mémoire;
Dans un cachot affreux abandonné vingt ans,
Mes larmes t'imploraient pour mes tristes enfans;
Et, lorsque ma famille est par toi réunie,
Quand je trouve une fille, elle est ton ennemie!»

Confessemos francamente, em Racine ou em Corneille não ha situação onde o pathetico sobreleve ao do segundo acto de *Zaira*. Aquelle, teve, por ventura, em *Iphigenia* um momento de inspiração igual; foi quando escreveu o dialogo entre ella e Agamemnon; Corneille, no *Pelyeucte*, é inferior na verdade do coração humano.

O assumpto da *Zaira* deu ao theatro inglez uma quasi que traducção da tragedia franceza. O seu auctor é Aaron Hill. Esq.

Depois da *Zaira*, a *Mélope* e a *Sémiramis* teem immediato logar. N'esta ultima ha uma scena moldada nas puras formas eschylicas, tão simples e tão vigorosa é ella; refiro-me ao dialogo do quarto acto, entre a rainha e Arzace. Aqui, Voltaire conseguiu trazer para a scena a simples grandeza dos *Choephoros*. A phrase cortada naturalmente, a paixão precipitando-se em hemystichios abruptos, tudo isto dá á situação um fervor, um tumultuar grandioso.

Brutus e *Cesar* são tragedias onde em algumas scenas achamos o aspero sabor de Corneille. Ha n'ellas a força, a altivez do *Cinna*, mas a pompa é mais esplendida e fastosa. O canto da liberdade sem nada perder da sua feresa ingenua, é ao mesmo tempo harmonioso e persuasivo. *Mahomet* é uma das tragedias onde os rasgos sublimes se encontram mais frequentes. Ha n'ella uma tal originalidade de bellezas, uma tal abundancia no estylo, um tamanho orientalismo na dicção, que Racine

se acaso a lesse, deveria dizer d'ella o que Voltaire disse um dia ao acabar de ouvir o monologo da *Phedra*.

A falla de Mahomet a Zopiro, sobretudo, tem lancos de uma elevação prodigiosa.

—«Vois quel est Mahomet; nous sommes seuls, écoutez: Je suis ambitieux, tout homme l'est sans doute;

.....
.....
.....

Il faut un nouveau culte, il faut de nouveaux fors,
Il faut un nouveau Dieu pour l'aveugle univers.

Rousseau, fallando d'esta scena na sua *lettre sur les spectacles*, diz não conhecer no theatro francez outra alguma em que mais sensivelmente se manifeste o cunho do genio. Foi esta mesma tragedia, *Mahomet*, que Crébillon repellio dez annos e que só ao cabo d'elles foi dada a publico, em vista da approvação de d'Alembert.

Eis, resumidamente, alguns dos pontos mais salientes no theatro de Voltaire. Todos os assumptos lhe são familiares, todas as bellezas lhe são proprias. Passa do *Œdipo* para *Zaira*, como do *Brutus* para o *Orphão da China*. Quando a rajada do furor o impelle, ergue-se coruscante e flammeja das nuvens; quando os sentimentos maviosos o assaltam, expande-se em verdadeiros arrulhos. O coração do homem é ao que elle mira principalmente; conhece todos os caminhos que vão dar a este abysmo, e é por elles que conduz o seu talento. Sem ter aquella rudeza que nos confrange, tem aquella variedade que nos deleita. Não é um promontorio nu e alpestre, cortado a prumo, e severo nas suas rectas enormes; é um monte arrelvado e florido, onde as rosas se baloçam, mas aonde tambem se erguem as arvores seculares e possantes.

(Continua)

E. A. VIDAL.

AS FLAUTAS DO GRANDE FREDERICO

O principal entretenimento do rei da Prussia, Frederico II, consiste em tocar flauta; mas é tão escrupuloso, tem tanto receio de commetter faltas em musica ou enganar-se, que, quando ensaia uma nova peça, fecha-se no seu gabinete muitas horas para estudal-a. Apesar d'esta precaução, tre-me todas as vezes que se trata de começar com os acompanhamentos.

Possue uma excellente collecção de flautas, e presta-lhes o maior cuidado.

Um homem, que não trata d'outra coisa, está encarregado d'ellas, a fim de preserval-as, segundo a estação, da secura ou da humidade. São todas do mesmo auctor e paga-as até cem ducados. Na ultima guerra, quando elle a todos dava dinheiro falso, diligenciava sempre que o seu fabricante de flautas fosse pago em boas peças de ouro, com medo de que este, por seu lado, o não enganasse na qualidade dos seus instrumentos.

O mundo assemelha-se a uma loteria na qual um ganha e mil perdem.



A SALAMANDRA

O genero *Salamandra* de Cuvier, que foi constituido em familia pelos erpétologistas modernos sob o nome *Salamandridas*, pertence á secção dos *Batracios urodélos*. Os reptis que o compõem tem o corpo allongado, quatro pés e uma comprida cauda; o que lhes dá a fôrma geral dos *Lagartos*; mas apresentam além disso todos os caracteres dos *Batracios*. A cabeça é achatada, as orelhas estão occultas sob as carnes e não tem tympanos; os dois queixos são guarnecidos de dentes numerosos e pequenos, a lingua disposta como a das rãs, o esqueleto offerece elementos de costellas e tem quatro dedos nos pés de diante e cinco nos de traz. Os seus embriões respiram por uma especie de guelras, em fôrma de poupa, no numero de tres de cada lado do pescoço e fluctuantes, que depois se obliteram. Os membros apparecem successivamente; mas os pés de diante desenvolvem-se primeiro que os de traz. No estado adulto, as Salamandras respiram como as rãs. Distinguem-n'as em *terrestres* e *aquaticas* ou *Tritões*.

As *Salamandras terrestres* ou *Salamandras* propriamente ditas (*Salamandra*) tem, no estado perfeito, a cauda redonda e não se conservam na agua senão durante o estado de embrião ou quando querem desovar. Os pequenos nascem no oviducto e executam promptamente as suas metamorphoses. O typo d'este genero é a *Salamandra commun* ou *maculada*, (*Sal. maculosa*) tem 10 centimetros de comprimento, e a cor é de um preto luzidio levemente tincto de rosa, com grandes manchas de um amarello vivo. Pelos lados tem fileiras de tuberculos, dos quaes ressumam no perigo um liquido lacteo, amargo e de um cheiro activo. É esta particularidade que deu lugar á fabula espalhada na antiguidade, e que chegou até aos nossos dias, que não sómente o fogo não matava a Salamandra, mas ainda que este reptil tinha a fa-

culdade de apagal-o. Um outro preconceito popular quer que estes animaes sejam muito venenosos: e um erro. Effectivamente, não teem glandulas salivares de veneno e os dentes são muito pequenos para poderem offender a pelle. Só o liquido que ressumbram os tuberculos de que fallámos e que irrita um pouco os olhos quando se lhes chega com os dedos depois de haver tocado em algum d'estes reptis. Ha ainda duas outras especies chamadas *Salamandra negra* que se encontra nos Alpes e *Salamandra de oculos*, negra pele parte superior, e amarella com manchas pretas pela inferior. Este animal, que se acha nos Apenninos, só tem quatro dedos em cada pé. As Salamandras vivem em lugares humidos e nos buracos subterraneos; sustentam-se de lombrigas, insectos e pequenos molluscos. Todas são de pequeno corpo.

Os *Tritões* ou *Salamandras aquaticas*, teem a cauda comprimida verticalmente e passam quasi toda a sua vida na agua. Estes reptis são ovíparos e não ovovíparos como as Salamandras terrestres. Encontram-se frequentemente nos nossos climas em aguas estagnadas, onde são tão ageis e vivas quanto lentas e embaraçadas na superficie do solo. São sobretudo notaveis pela facilidade com que reparam as mutilações do seu corpo: a cauda e mesmo as patas recrescem muitas vezes depois de terem sido cortadas, e isso com os ossos, musculos etc. Teem além disso a singular faculdade de, no gelo, poderem viver muito tempo. D'este genero encontram-se muitas especies: contentar-nos-bemos com o mencionar a *Salamandra de crista* que apresenta as côres laranja, branco e preto. No numero das especies exóticas citaremos a Grande Salamandra do Japão que tem o comprimento de um metro. As suas côres são as mais sinistras; a pelle sobre a cabeça e as costas é coberta de protuberancias e de tuberculos que, fóra d'agua, ressumam um humor viscoso e fetido. Lembramos tambem a celebre Salamandra fossil de OEningen, que durante algum tempo foi tomada por um esqueleto humano.

NECESSIDADE DE UMA MONOGRAPHIA ACERCA DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Debaixo do ponto de vista commercial a provincia de Pernambuco é hoje a segunda do imperio brasileiro, posto que não seja a mais extensa e povoada.

A situação feliz d'ella, em virtude da sua proximidade relativa da Europa, devido aos vapores transatlanticos, é tal que da nossa Lisboa apenas dista 13 a 15 dias, e lhe dá por isso certas vantagens commerciaes, de que não gosam as demais provincias d'aquelle vastissimo estado.

A população é alli abundante e activa. Grande numero de estrangeiros tem-se estabelecido n'ella. A cultura do algodão e da cana de assucar tem adquirido immenso desenvolvimento; tudo, finalmente, na provincia em questão progride consideravelmente, apesar de estar ella situada na zona torrida, desde o 7° até ao 15° de latitude

sul, visinha do mar, sobre o qual tem duzentos kilometros de costas, e não obstante, desde 1850, haver sido visitada pela febre amarella e cholera, desconhecidas alli antes da mesma data fatal.

Considerada geographicamente, toda a parte proxima do oceano Atlantico está perfeitamente estudada. As costas teem sido examinadas sobejas vezes pelos navegadores portuguezes, hespanhoes, inglezes e francezes. São muito apreciaveis os trabalhos do almirante Roussain ácerca do alludido assumpto, e é sabido que Mouchez, distincto official da marinha franceza, ha executado, recentemente, um novo reconhecimento.

Com as regiões sertanejas não succede outro tanto. A configuração das cadeias de montanhas, que cortam a provincia de norte a sul e de leste a oeste, não é bem conhecida. Ignora-se a sua altitude, posto que não pareça exceder 1200 a 1500 metros. A sua composição geologica é parcialmente desconhecida, e diminutas pesquisas mineralogicas se tem n'ellas executado.

A parte septentrional da provincia apresenta largas planicies férteis, em quanto a região austral é atravessada de norte a sul por uma longa cadeia, que limita ao occidente o grande rio de S. Francisco, o qual separa esta provincia da da Bahia.

O curso do S. Francisco está perfeitamente reproduzido em um bello atlas especial consagrado áquelle rio, e que foi, ha alguns annos, lithographado no Rio de Janeiro. Tudo, porém, que demora ao occidente d'este rio carece de ser reconhecido geographicamente, pois não existe ainda nenhuma boa descripção topographica da provincia.

A ultima obra publicada em francez, sobre o Brazil, a de Lahure, não fornece senão uma simples nomenclatura dos rios, cordilheiras, cidades, villas e aldeias que se encontram n'esta parte do Brazil, sem descer a particularidades algumas.

Pelo que respeita á bella obra em dois volumes de Lallemant, *Reise durch nord Brasilien*, ainda não foi vertida para francez.

A escriptura d'estes apontamentos foi-nos, em parte, suggerida pela recente noticia da nomeação de um homem intelligentissimo e de provada illustração, Osmin Laporte, para o cargo de consul francez em Pernambuco. Visto que esta provincia não possui ainda uma monographia, áquelle cavalleiro por certo a fará com toda a proficiencia, estudando acuradamente os elementos que ainda estão desconhecidos não só porque qualquer das provincias brasileiras, em geral, é mais extensa que o nosso paiz, e algumas incomparavelmente muito mais, mas tambem porque o Brazil é um paiz que nasceu hontem, o qual muito tem progredido em relação ao seu clima ardente, na maxima parte da sua extensão, e ao sangue portuguez, que não é do mais apropriado para rapidos desenvolvimentos na senda do progresso. Deixemos as digressões, e vamos reatar o fio das considerações que temos a fazer, despertadas pelas leituras dispersas que hemos feito em muitas obras francezas, inglezas e algumas brasileiras, relativas ao Brazil.

De feito, assim como indicamos precedentemente, exceptuando alguns pontos, nenhuma posição de localidade foi provavelmente determinada por observações directas. O sr. Osmin poderá, pois, com alguma vantagem, fazer uma descripção do Rio de S. Francisco, cujo regimen é conhecido pelas observações do botânico viajante, A. Saint Hilaire, que percorreu uma parte do seu valle desde 1820 a 1823.

É tambem mui util estudar a parte montanhosa, região a mais despovoadada d'esta provincia, onde restam ainda algumas tribus indianas de *tupis*, *ananés* e *chacriabas*, pertencentes á raça *guarini*. Estes restos da antiga população indigena diminuem lentamente, tanto pela mortalidade propria, as bexigas, a escassa fecundidade das mulheres, como pela sua fusão com o resto dos brasileiros.

Por enquanto não podemos obter esclarecimentos com respeito á cifra a que esta população póde hoje chegar. Quanto á população brasileira propriamente dita, compõe-se ella de descendentes de portuguezes, emigrados durante tres seculos e meio para a provincia de Pernambuco, de grande quantidade de outros europeos que ali tem ido estabelecer-se, desde 1820, e finalmente dos negros, e mestiços de todos os grãos, elemento que ora é considerabilissimo. Uma porção d'estes negros e mestiços são ainda escravos; porém ha já uma outra igual porção d'elles que são livres e considerados cidadãos brasileiros. É muito importante, a nosso ver, o saber-se qual é a lei da progressão d'esta população tão differente d'origem, e que mostra crescer com rapidez, a despeito das doenças tropicaes, da febre amarella e da cholera. Lemos em Lahure que aquella população, era segundo o recenseamento de 1860, de 950:000 individuos; no dizer de Warden, em 1831, era apenas de 550:000!

Affirma-se, que a provincia de Pernambuco, apesar da situação d'ella ser na zona torrida, é mui salutar, sobretudo na porção nordeste que confina com a provincia de Piahy. É muito importante haver conhecimento da proporção em que os brasileiros e os europeus emigrados tem sido acommettidos pela febre amarella, introduzida na capital em 1850. Desde essa época tornou-se endemica, apesar de ser desconhecida ali anteriormente, exceptuando talvez uma epidemia passageira em 1688, sobre a qual ha informações muito incompletas. Esta doença, tão mortifera para os brancos em geral, tem sido benigna para os negros e mulatos, ao passo que todos os que tinham sangue africano nas veias pagaram avultado tributo á cholera.

Qual é a medida da emigração europea ha meio seculo? Além dos nossos compatriotas, que são os mais numerosos emigrados, entrando n'essa classe já se vê, os açorianos, qual é o numero aproximado dos allemães, inglezes, norte-americanos, francezes, hespanhoes que vão estabelecer-se n'aquellas plagas? Regressam para o seu paiz natal, casam com brasileiras e, consequentemente, estabelecem-se indefinidamente no paiz? Qual é o seu

estado de saúde habitual, a sua longevidade? Conservam as suas forças physicas e intellectuaes? Tudo que diz respeito a esta parte da biologia humana é altamente curioso.

Carece-se tambem de detalhes relativos á sua posteridade, á nova geração que se forma da mistura do sangue europeu, introduzido no Brasil, com o dos portuguezes, este mais ou menos impregnado do dos indigenas ou dos africanos, importados durante os tres precedentes seculos.

Uma questão mui importante, e que não pode ser elucidada senão por factos, é a de estabelecer definitivamente se é verdade que, apesar das origens e misturas diversas, o sangue caucasiano vai lentamente, porém d'um modo seguro, predominando entre os habitantes do Brasil; em outras palavras, se cada recenseamento dá um numero cada vez mais consideravel de brancos, o dos negros puros ou o dos mestiços conservar-se-ha estacionario ou mesmo diminuirá? Precisa-se finalmente saber, se colonias agricolas, á maneira das que hão sido fundadas nas provincias do Rio Grande do Sul, S. Catharina e S. Paulo, tem sido estabelecidas na provincia de Pernambuco, e qual é o seu estado actual.

Todos os que tomam a peito o progresso geral dos conhecimentos geographicos, como essenciaes para o desenvolvimento commercial, asseveram que ha muitas noções uteis a beber d'uma região, sede de transacções tão extensas. Além da producção do algodão, do café, do assucar e tabaco, culturas industriaes principaes, que constituem a fortuna da provincia, quaes são os objectos d'um verdadeiro valor que a agricultura ali produz? Em que estado se acha a industria manufactureira, e pode-se prever a época em que verdadeiras fabricas possam ser estabelecidas no paiz, senão para exportação, pelo menos para prover ás necessidades locaes? Qual é o estado das vias de comunicação ordinarias e dos caminhos de ferro? São perguntas cujas respostas não, por certo, dão ás folhas dos livros que ha nas linguas mais usuaes, ácerca d'aquella interessante provincia brasileira; e por isso o mundo geographico espera ansioso que o sr. Laporte elabore a monographia de Pernambuco, que seguramente vem preencher uma deploravel lacuna existente na geographia do Brazil.

É sabido que a agricultura brasileira soffre muitissimo na presente hora pela carencia de braços. O commercio da escravatura suspenso desde 1850 não fornece mais os escravos, sobre cujo trabalho se estribava a producção agricola. A morte, as alforrias em grande escalla, reduzindo, todos os annos, o numero dos trabalhadores de cor, que outr'ora formavam o pessoal das plantações, como póde a agricultura brasileira sair d'esta crise? O solo de Pernambuco é bastantemente salubre para que os brancos possam, apesar do clima tropical, dedicarem-se á cultura?

Estas e muitas outras observações e perguntas servem, apenas, para demonstrar exuberantemente a necessidade urgente d'uma descripção

geographica, applicada essencialmente ao commercio d'uma provincia tão importante do Brazil, como é a de Pernambuco, com a qual toda a Europa, particularmente Portugal, tem intimas ligações mercantis.

As communicações do antigo com o novo continente multiplicam-se diariamente.

A maxima parte dos estados e das provincias da America do Sul são pouco conhecidas: tudo que póde contribuir pois, para mostrar á Europa os seus recursos infinitos, a sua riqueza nativa, que só espera por braços, para ser fructuosamente explorada, é um verdadeiro beneficio para a humanidade.

Interessemos-nos, pois, nós, portuguezes, que demos o ser áquelle colossal imperio, pela sua prosperidade e engrandecimento moral, intellectual e material.

ALFREDO MAY.

Non semper arcum tendit Æpollo HORACIO

Apollo nem sempre arma o seu arco; isto é, nem sempre a desgraça nos acompanha.

A BORBOLETA

À Excelltissima Senhora D. Symi Phillips

(NO SEU ALBUM)

Eu conheço-a, oh! se a conheço!
sempre volitando ansiosa,
esbelta, fugaz, airosa,
esquiva, amante, esquecida;
eterno enigma na vida!...
Eu conheço-a, oh! se a conheço!
Estimo-a; estimá-la é grato;
quero entendê-la... endoideço!

Paira a mirar-se na fonte;
bate as azinhas sublis,
desce ao prado, sobe ao monte,
requesta, endoidece as flores,
e engeita-as! Procura a chamma,
illude-a, fuge... Não ama!
Deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris;
eu conheço-a, oh! se a conheço!

Dizem as flores do monte:
—«Sabeis porque ella nos fuge?
«somos serranas e pobres!
«ella é fidalga e vaidosa;
«lá quer amores mais nobres!
«a lisongeira da fonte,
«mostrou-lhe o espelho e prendeu-a
«só com dizer-lhe:—És formosa.»—

Diz a fonte co'um suspiro:
—«Vão lá fiar-se das bellas!
«eu, tão pura em meu retiro,
«e tão recatada e amante,
«eu, que regeito ásestellas
«o amor que em seus raios leio,
«eu, que lhe disse anelante:
—«Desce! bebe do meu seio
«todo o nectar peregrino!...—
«pobre de mim! que fiz eu?
«julgou-me lodosa e insossa!...
«Só liba nectar divino,
«gotas do orvalho do ceo!»—

E diz a gota do orvalho.
—«Descei, descei toda a noite
«para a ver de madrugada,
«foi bem pago o meu trabalho!
«sorriu-me, e passou! mais nada!
«Ella quer lá gotas d'agua
«tremula, fria, incolor?!
«quer lume, incendios! (é é magoa!)
«quer chammass vivas no amor!»—

—«Porque me fuge a inconstante?
murmura trémula a chamma;
«será que um delirio amante
«a attrae ao regato?... às flores?...
«carinhos de maior preço?...
«côres de novo maliz?»—

Nadal! nadal eu sei: não ama!
deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris;
Eu conheço-a, oh! se a conheço!

Engana-se o orvalho e a fonte,
a chamma e as flores do monte.
É varia, como os malizes
das suas azas doiradas;
não póde lançar raizes;
quer liberdade sem meta;
ir, sem saber onde vá;
timbra de ser borboleta!...
não ha prendê-la! não ha!

.....
Não ha?... quem sabe? Os segredos
das formosas mais esquivas,
teem romanticos enredos
que o mundo nem sempre vê.
Pelos caminhos da vida
o amor sabe armar uns laços,
e ás vezes... prende-se um pé!
depois prende-se a cintura!
lucta-se e... prendem-se os braços;
e eis rendida a formosura!

A flor, essa, de innocente,
ama, deseja... mais nada;
apenas sente... que sente!
não sabe fazer-se amada!
Mas a chamma que é ladina,
á formosa que a requesta
e a afaga co'a ponta d'aza,
rouba a innocencia divina!
co'o fogo as azas lhe cresta;
com beijos de fogo a abraça!...
.....

Nadal eu volto á minha idéa:
esta borboleta é intrepida,
não teme laços nem chamma;
não ha paixão que a submeta!
se a amarem, sorri sem dó!
se finge amores, não ama,
que o juro aqui! vendesó
desdens por subido preço.
Ha de morrer borboleta.
Eu conheço-a, oh! se a conheço!

Lisboa, 21 de março de 1866.

THOMAZ RIBEIRO.

O amor do dinheiro nunca foi paixão do verdadeiro sabio.

O vicio e a pobreza levam o homem á practica de toda a sorte de crimes.